

Ideais equivocados

Adriana Aparecida de Souza – UFRN

BADINTER, Elisabeth. **Rumo equivocado**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

Elisabeth Badinter é conhecida por questionar a idéia de que o amor materno é inato em *Um amor conquistado: o mito do amor materno*, livro que causou muita polêmica desde 1980, quando que foi publicado, e que ainda hoje é inquietador. É autora também de *X Y*, sobre a identidade masculina. Elisabeth Badinter escreveu em 2003 *Fausse route*, que chegou ao Brasil em 2005 com o título de *Rumo Equivocado*, uma crítica aos rumos tomados pelo movimento feminista. Nesse livro, a autora também busca um diálogo com algumas de suas obras, como *Um é o outro* e *Um amor conquistado*. O livro está estruturado da seguinte forma: no primeiro capítulo a autora se propõe a discutir os motivos que levaram o movimento feminista a tomar rumos contrários aos que lhe eram propostos, sobre o que ela diz que “a razão principal do feminismo, consideradas todas as diferentes tendências, é instalar a igualdade entre os sexos e não melhorar as relações entre homens e mulheres. Não se deve confundir objetivo com consequência, mesmo se por vezes acreditamos que os dois caminham juntos” (p. 179).

No segundo momento, Badinter levanta argumentos que justificam seu ponto de vista, apoiada em dados estatísticos que mostram que, em países como os Estados Unidos, Canadá, Inglaterra e França, o número de atos de violência cometidos por mulheres está aumentando a cada ano.

Em *Rumo equivocado*, a autora faz um levante histórico do movimento feminista desde a década de 1970 aos dias atuais, levantando diversas questões desse período rico de vitórias e derrotas. Dentre elas,

encontra-se a idéia de que há um desvio de rota no movimento feminista americano, o que o estaria levando a um processo de vitimização das mulheres, tomando, assim, rumos equivocados. Argumenta que numerosos sociólogos e antropólogos repisam a constatação, natural ou cultural, da visão universal da supremacia masculina. Desta forma, a mulher continua na sua posição de inferioridade, ou seja, vítima real ou potencial dessa supremacia.

Assim ela nos diz que “essa idéia simplificadora e unificadora de ‘dominação masculina’ se torna um conceito–obstáculo, servindo para evitar pensarmos na complexidade, na historicidade e na evolução da relação entre os sexos. Esse conceito ‘que abarca tudo’, encerrando homens e mulheres em dois campos opostos, fecha a porta a qualquer esperança de compreendermos a influência recíproca que eles exercem e de medir sua inserção comum na humanidade” (p. 53).

No primeiro capítulo ela discute a questão do feminismo vitimista e faz uma crítica a esse tipo de feminismo, propõe se desconstruir a idéia que esse tipo de feminismo decorre de que os homens são universalmente opressores, com a qual o movimento feminista se robustece favorecendo a vitimização das mulheres. Ainda, segundo Badinter, isso faz menos uma teoria da relação entre os sexos do que a acusação do sexo oposto e de um sistema de opressão, o que ela chama de uma “nova lógica, mas com uma filosofia velha” (p. 23). O alvo de Badinter são as autoras e precursoras norte-americanas do feminismo vitimista: Andréa Dworkin, Catharine Mackinnon e

Susan Brownmiller, que têm como bandeira que “as mulheres são uma classe oprimida e a sexualidade é a raiz dessa opressão, assim a dominação masculina repousa no poder dos homens de tratar as mulheres como objetos sexuais” (p. 24). Posiciona-se contrária também a alguns autores franceses que seguem essa teoria da vitimização da mulher, embora com menos ênfase, pois ela mesma diz que essas questões foram levantadas na França de uma forma mais conscienciosa. Badinter critica, ainda, o pensamento que deformou as idéias de Simone de Beauvoir para lembrar que, sem a distinção entre natureza e cultura, não haveria feminismo possível. Ainda nesse capítulo ela levanta questões sobre o dualismo homem/mulher, o qual considera que segrega uma nova hierarquia dos sexos. Em seguida, sugere novos enfoques à análise da questão feminina que tomaram rumos exageradamente americanizados. Assim, ela se opõe à lei de assédio sexual aprovada tanto nos Estados Unidos como na França, a qual, em sua opinião, é excessivamente moralista. Esse excesso de moralismo é o que impede as feministas de reconhecerem a liberdade sexual da juventude como uma conseqüência positiva do movimento. “Da criança à mulher há apenas um passo. Ambas são vítimas inocentes e impotentes do homem agressor e dominador. Imperceptivelmente, acrescentou-se a idéia de que ela encarna o bem, ameaçado pela força do mal” (p. 55). Ela argumenta que essa visão leva a um apelo ao separatismo, ao declarar a mulher como ser de virtudes benévolas e pacíficas, mas presa na cultura de dominação dos homens.

No segundo capítulo a autora desenvolve a idéia da mulher vitimizada, conforme o ponto de vista de autores como Daniel Welzer-Lang, Nicole-Claude Mathieu, Colette Guillaumin, Christine Delpy e Dominique Godireau e os esforços de alguns trabalhos que visavam discutir a violência feminina, mas cometiam o mesmo equívoco das norte-americanas. Badinter se contrapõe a isso levantando alguns poucos trabalhos que trazem à tona a violência feminina, como os genocídios ocorridos na Alemanha nazista e em Ruanda, com a fervorosa ajuda das

mulheres. Ela nos diz que “ao querer ignorar sistematicamente a violência e o poder das mulheres, ao proclamá-las constantemente oprimidas e, portanto, inocentes, traça-se em negativo o retrato de uma humanidade cindida em dois e pouco de acordo com a verdade” (p. 92).

No terceiro capítulo Bandinter chama a atenção para a necessidade de se lutar contra o *imperium* masculino, embora a “desconstrução da masculinidade, tendo em vista o seu ajustamento à feminilidade tradicional”, proposta pelo feminismo vitimista, seja um equívoco. Porque “mudar o homem não é aniquilá-lo. O Um é o Outro, sob a condição de que persistam o Um e o Outro” (p. 137).

No quarto capítulo a autora expõe como os últimos 15 anos do feminismo não mudaram de estratégia, e agora, em sintonia com o mundo globalizado, o feminismo vitimista encontra-se dotado de um poder moral e culpabilizador, o que está gerando um retrocesso, como percebemos na sua crítica: “No contrapé do feminismo universalista, o feminismo vitimista liquidou o conceito de igualdade e, querendo ou não, promoveu o retorno vigoroso do biológico, no qual a imagem da mulher reencontrou sua antiga moldura, o que parece convir a muita gente” (p. 150). Ainda nesse capítulo ela critica a valorização da maternidade feita pela filósofa francesa Sylviane Agacinski. Diz Badinter que essa autora tem afirmado a maternidade como eixo central da identidade da mulher, propondo uma nova “roupagem ‘filosófica’ do instinto maternal” (p. 162).

O livro alvitra que a crítica ao que Bandinter descreve como teoria da vitimização, ou seja, a teoria que coloca o par homem/mulher em dois campos opostos, em que o homem é o agressor e, portanto, a imagem do mal, e a mulher a eterna vítima como o bem, promovida pela combinação entre a política norte-americana e o desejo das feministas de proteger as mulheres, tratadas por esta teoria por oprimidas e submissas, traz conseqüências desastrosas, pois mantém a mulher no papel secundário, sem autonomia, estabelecendo uma relação de constante disputa com os homens, ao invés de incentivar uma

relação mais igualitária ou horizontal, omitindo do debate temas como a prostituição e a violência praticada por mulheres.

Considero o livro de Elizabeth Badinter polêmico, nem por isso desinteressante, pois traz questionamentos, abre discussões que muitos teóricos nem cogitam de falar, por as subestimarem como irrelevantes, como é o caso da violência perpetrada pela mulher. Por abrir nossa visão, nos chamando a questionar conceitos ditos naturais e universais, recomendo sua leitura a todas as pessoas que estudam, se interessam, ou simplesmente gostam da discussão sobre gênero, uma vez que ela nos oferece um novo olhar, uma nova forma de pensar, necessários ao desenvolvimento da ciência e principalmente a uma melhor compreensão da complexa relação que hoje se instaurou entre homem e mulher. O livro sugere renunciar a uma visão angelical das mulheres, que serve de justificativa para a demonização dos homens, e nos revela que homens e mulheres não são tão diferentes que se deva classificá-los em duas categorias heterogêneas.